

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS EM CORDEL: UM ESTUDO DAS VOZES SOCIAIS

Neluana Leuz de Oliveira Ferragini¹
Cláudia Souza Ribeiro²

RESUMO

Este trabalho analisa como as vozes sociais são revaloradas, cronotópica e linguisticamente na obra *Alice no País das Maravilhas em Cordel*, de João Gomes de Sá. Sob o viés da diversidade da valoração e da ideologia como constituintes do discurso, as vozes são compreendidas à luz dos escritos do Círculo de Bakhtin e seus caudatários, como Bubnova (2011), Fiorin (2017) e Grillo (2012). Trata-se de um estudo qualitativo-interpretativo, ancorado nos preceitos da perspectiva dialógica do discurso. Como resultado, apontamos um breve estudo da adaptação brasileira em cordel e algumas sugestões de atividades a serem exploradas em sala de aula.

Palavras-chave: linguagem dialógica, gênero cordel, vozes sociais.

Introdução

Pensar o ensino de Língua Portuguesa, considerando o contexto social, histórico e cultural do estudante, consiste em uma prática recente. Somente a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1998, o ensino da disciplina passa a ser reestruturado visando a formação de leitores e escritores competentes, visto que, segundo as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, doravante DCE (PARANÁ, 2008, p. 62), “Durante muito tempo, o ensino de Língua Portuguesa foi ministrado por meio de conteúdos legitimados no âmbito de uma classe social dominante e pela tradição acadêmica/escolar.” Na mesma direção, Antunes (2003, p. 31) critica as aulas de Língua Portuguesa descontextualizadas e desvinculadas dos usos reais da língua. Afinal, uma língua viva não pode ter seu estudo

¹ Professora Adjunta no Curso de Letras Português da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de Apucarana. Doutora em Estudos da Linguagem. Email neluanaferragini@gmail.com

² Graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Paraná, *campus* Apucarana. E-mail: claudiasouzaribeiro@outlook.com.br

desmembrado das reais situações de uso, sem sujeitos reais e sem interação, pois assim, não contribui para o desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes.

Na escola, a ampliação dos horizontes linguísticos ocorre na prática da oralidade, da leitura, da escrita e da análise linguística. Neste estudo, voltamo-nos para a prática da leitura, compreendendo-a “como um ato dialógico, interlocutivo, que envolve demandas sociais, históricas, políticas, econômicas, pedagógicas e ideológicas de determinado momento” (PARANÁ, 2008, p. 56). Por essa razão, segundo as DCE, é importante que o estudante tenha acesso aos mais variados textos dos mais diversos campos sociais, para que, dessa forma, desenvolva familiaridade de interpretação e sensibilidade às finalidades específicas que cada enunciado pode trazer, do mesmo modo reconheça e compreenda as vozes que constroem o discurso lido.

Ao adotarmos a perspectiva dialógica da linguagem, cabe ao professor mediar as formas de leitura da infinita gama de esferas e suportes, bem como a seleção dos textos, levando em consideração o contexto da turma, suas vivências e preferências de leitura, para que possam ampliar o horizonte de expectativas desses estudantes. Afinal, “[...] estudar a língua significa reconhecer os compromissos que se criam por meio da linguagem, de forma que possamos interagir significativamente em uma situação concreta de interação” (COSTA-HÜBES, 2017, p. 272).

Segundo Sipriano (2017, p. 66), “[...] a linguagem/ os discursos/ os enunciados são permeados por uma multiplicidade de vozes sociais, por diferentes posicionamentos, ideologias, intenções, posturas e pontos de vista de sujeitos históricos”. Diante disso, qualquer enunciado carrega consigo marcas que influenciam diretamente o discurso, já que essas vozes podem se revelar no discurso por meio de pontos de vista ou posicionamentos ideológicos. Ao percebê-las e identificá-las, ter-se-á compreendido melhor o discurso de outrem e poder-se-á caminhar para uma reflexão mais crítica. É por acreditar na importância do reconhecimento e da compreensão dessas vozes, como algo que constitui o próprio sujeito que objetivamos, neste trabalho, a partir do conceito de vozes sociais, analisar as marcas linguístico-enunciativas que se encontram no texto, vinculadas ao tema, à construção composicional e às condições de produção. Para tanto, selecionamos como *corpus* o enunciado Alice no País das Maravilhas em cordel, adaptado por João Gomes de Sá.

A escolha da obra alicerça-se a partir de dois fatores: a) em primeiro lugar, porque é reconhecida mundialmente, adaptada para o cinema e, de certo modo, conhecida pelos estudantes, que provavelmente já ouviram, ao menos, falar da história; b) em segundo lugar,

consiste no fato de que o Maravilhoso, na maioria das vezes, chama a atenção de alunos da faixa etária do Ensino Fundamental II – nosso foco –, visto que este trabalho integra o projeto de pesquisa Gêneros Discursivos na Sala de Aula: propostas de estudo e didatização para as séries finais do Ensino Fundamental (UNESPAR, *campus* Apucarana). E o gênero cordel justifica-se porque, em sua excelência, possui uma riqueza presente na estrutura, formas de construção e de sentidos, e na diversidade de dialetos, o que pode contribuir significativamente para as práticas de leitura e análise linguística. Ademais, ressaltamos que o cordel se configura como uma riqueza nacional, que embora não seja comum em nosso estado, representa uma longínqua tradição da cultura popular.

A natureza dialógica da linguagem

A língua, como meio de interação, pressupõe sujeitos situados social, histórica, cultural e ideologicamente, os quais expressam crenças e valores. Ao mesmo tempo, a língua é um instrumento de poder que institui e reforça concepções. Ancorando-nos em Antunes (2003), não cabe ao professor de português analisar simplesmente se o sujeito é determinado ou indeterminado, é preciso dar vez e voz aos sujeitos enunciativos, refletindo sobre a linguagem conscientemente.

Na década de 1980, Geraldi (1985), na obra *O texto na sala de aula*, preconizava a necessidade de um ensino de língua que transcendesse prescrições, que fosse além do repasse de informações. Enfim, propunha um ensino pautado nas relações dialógicas entre os sujeitos, nas interações e inter-relações discursivas. Assim, à luz dos pressupostos da teoria dialógica, o discurso, grande arena de vozes, é considerado como um modo de conceber e estudar a língua, uma vez que ela é entendida como um acontecimento social, atrelada aos valores ideológicos, esta alicerçada aos seus falantes, aos seus atos e às esferas sociais.

Sob a ótica dialógica, o estudante é um sujeito carregado de valores e seu discurso reflete e refrata vozes e valores em cada situação interativa. Paralelamente, ao interagir com outros sujeitos, depara-se com outros discursos repletos também de já-ditos e índices axiológicos, por isso, cabe à escola proporcionar uma atuação crítica e reflexiva, permitindo ao estudante utilizar-se das vozes que o constituem para conceber, articular e entender o texto lido, do mesmo modo, para compreender o discurso alheio.

Isso posto, a linguagem é inteiramente dialógica, visto que não há enunciado que não contenha marcas de outrem, em outras palavras, os enunciados se compõem de já-ditos, e de

enunciados prefigurados dos quais serão moldados pelas relações entre o tempo e o espaço. Ademais, construímos um discurso fundando-o em outros e moldando-o com base em nosso enunciatário. Diante disso, ao estabelecermos um diálogo, o enunciador elaborará enunciados concretos a partir de seu enunciatário, considerará o espaço, o contexto, as crenças do meio e do outro para que, por conseguinte, se forme o discurso. Mas vale destacar que todo discurso/enunciado concreto é dialógico, não se restringindo apenas ao diálogo entre duas pessoas. Nesse sentido, para Fiorin (2017, p. 27): “[...] o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado organiza-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado”. E assim podemos entender que sempre terá pelo menos duas vozes que o constituem.

Com base em Neves-Santos (2013, p. 840), podemos afirmar que o discurso possui “sentido específico” e “sentido estabilizado”. Em linhas gerais, o primeiro representa o tema do enunciado, que por sua vez compreende o plano da interação e por isso depende das condições de produção para significar; e o segundo, a significação, que abarca o plano da língua detentora de suas estruturas gramaticais, morfológicas e lexicais. Para Bakhtin, tanto o tema quanto a significação coexistem, visto que, para o filósofo russo, a significação sozinha não passa de abstrações, ao passo que o tema necessita dela para significar.

Os sentidos, para Pires et al. (2016), não são cristalizados, tampouco enraizados, ao contrário, tratam-se de significações que têm influência direta do meio e do contexto social, possuem confrontos de valoração e interesses sociais. Isto é, sofrem alterações históricas diretas, conforme postula Bakhtin (1981, [1926], p. 199 apud PIRES et al., 2016, p. 121):

O discurso é como o “cenário” de um certo acontecimento. A compreensão viva do sentido global da palavra deve reproduzir esse acontecimento que é a relação recíproca dos locutores, ela deve “encená-la”, se se pode dizer; aquele que decifra o sentido assume o papel de ouvinte; e para sustentá-lo, deve igualmente compreender a posição dos outros participantes.

A partir do exposto, pontuamos sobre o processo de referenciação, o qual, para o Círculo de Bakhtin, é uma condição de existência condicionada ao signo. Dessa forma, o signo sofre o processo de referenciação do qual consiste na reflexão e na refração de diferentes índices sociais de valor. Assim como o signo reflete o mundo de forma a dispersar valores, a refração constitui-se na capacidade de, a partir dos signos, construirmos outras visões. Como consequência da heterogeneidade, surgem diferentes concepções e modos de atribuir sentido ao

mundo, em que grupos humanos, dotados de valores e experiências históricas, refratam suas verdades, constituindo-o de diversidade. Além disso:

[...] como os processos semióticos só refletem o mundo refratando-o, os signos são espaços de encontro e confronto de diferentes índices sociais de valor, plurivalência que lhes dá vida e movimento, caracterizando o universo de criação ideológica como uma realidade infinitamente móvel (FARACO, 2009, p. 54).

Essa diversidade, segundo Faraco (2009, p. 55-56), é discutida por Bakhtin em *O discurso no romance*. Nessa obra, o pesquisador russo a caracteriza como um “emaranhado de milhares de fios dialógicos tecidos pela consciência socioideológica”, o qual introduz a expressão “Vozes Sociais”, tema sobre o qual discorreremos na próxima seção.

O conceito de vozes sociais na teoria Bakhtiniana

Ao refletir e refratar as palavras de Bakhtin e do Círculo, Bubnova (2011, p. 269-270) salienta que o mundo pensado pelo teórico se revela “unificado pela produção dinâmica dos sentidos, gerados e transmitidos pelas vozes personalizadas, que representam posições éticas e ideológicas diferenciadas em uma união e intercâmbio contínuo com as demais vozes”. Isso porque, consoante explica Renfrew (2017, p. 113), “voz também sinaliza a presença frequente de (pelo menos) duas vozes”.

Na perspectiva Bakhtiniana, o conceito de vozes sociais é visto sob o viés da diversidade, da valoração e da ideologia, elementos a partir dos quais o indivíduo irá entender e organizar o mundo de acordo com seus posicionamentos axiológicos, por isso, esse novo dizer é (re)valorado e perpassado por vozes anteriores. Em outras palavras, tal conceito se constituirá com base nas relações com outras vozes, isto é, suscitando uma resposta, que por sua vez desemboca na questão de sentido, abordada por Bubnova (2011, p. 272):

O sentido é, então, uma resposta a algo dito antes, e, é algo que pode ser respondido. A voz é, assim, a fonte de um sentido personalizado; atrás dela há um sujeito pessoa; mas não se trata de uma “metafísica da presença”, dos sentidos pré-existentes e imóveis, nem de algo fantasmagórico, mas de um constante devir do sentido permanente gerado pelo ato-resposta, que vai sendo modificado no tempo a ser retomado por outros participantes no diálogo.

Tal como afirma a autora, a retomada pode ser realizada por qualquer sujeito enunciativo – atravessada por vetores valorativos –, além disso, pode operar em outras modalidades

discursivas, por exemplo na literatura, em que grandes obras sofrem adaptações para os mais diversos ramos de arte, que por sua vez se reconfiguram com base não somente nas vozes que a perpassam, mas principalmente no contexto de produção, recorrente de fatores como dogmas, ideologias, temporalidade, dentre outros influenciadores de uma produção discursiva.

No campo literário, as vozes representam uma reprodução de posicionamentos muito acentuada, uma vez que “palavra também é história, é ideologia, é luta social [...]” (CEREJA, 2012, p. 209), e com isso há, por parte do escritor (autor), grande refração desses já ditos em sua obra, os quais são expressos por meio de gêneros particulares a esse campo, como cordel, fábula, romance, crônica etc., e também elementos estilísticos como o uso de metáforas, escolhas lexicais, rima, sonoridade. Dito de outro modo, o campo sempre reflete uma realidade múltipla, com manifestações plurais. Logo, cada campo, – científico, literário, jornalístico – influencia diretamente na forma como o enunciado é exposto, e possui seu modo próprio de refratar:

Assim como nas artes, os demais campos produzem uma linguagem própria para nomear e caracterizar os agentes e seus produtos. Essa linguagem elabora esquemas de classificação e de apreciação que visam, dentro da lógica interna do campo, construir hierarquias e modos de percepção. (GRILLO, 2012, p. 151).

Retomando a ideia de Cereja (2012), de que palavra é história, ideologia e luta social, as vozes sociais são refratadas no discurso, além de vários fatores, em relação ao contexto histórico, isto é, são pautadas na vivência da época em relação ao espaço e tempo. O que nos remete à ideia de cronotopo, abordada por Bakhtin (2014), a qual consiste na representação do homem na literatura; ou seja, os pensamentos e ações humanas se manifestam em enunciados em uma espécie de base espacial e temporal, a partir da qual toda manifestação linguística se concretiza e se torna significável. Na perspectiva bakhtiniana, o cronotopo é uma categoria que instaura conteúdo e forma, conectando as relações espaciais e temporais representadas nos textos, principalmente literários. Nas palavras de Pereira e Rodrigues (2014, p. 187, grifo dos autores):

O conceito de cronotopo aliado ao conceito de valoração nos leva a entender o que para o autor [Bakhtin] se define como a matriz espaço temporal de onde os vários acontecimentos se realizam, se materializam e significam. Entendendo que a concretização desses acontecimentos se dá na forma de enunciados, e estes, por sua vez, nos diversos campos sociais de atividades, se organizam na forma de gêneros, podemos compreender que os gêneros do discurso constroem visões do homem e de sua realidade, de onde se derivam valores.

Por meio do cronotopo é possível observar que em um enunciado sempre haverá, no mínimo, duas vozes, e que estas estão em constante adaptação, ou seja, reconstruindo-se a partir de outras e dialogando com elas. Do mesmo modo, as vozes sociais corporificam-se nos gêneros do discurso e, por essa razão, “[...] podemos entender que as experiências humanas são situadas no tempo-espaço e, dessa forma, as pessoas necessitam aprender continuamente novos gêneros, à medida que o âmbito espaço-temporal das suas experiências culturais se expande” (ACOSTA-PEREIRA, 2013, p. 258). Consoante a isso, Medviédev (2012) pontua que, no campo literário, as obras refletem o que o autor chama de “horizonte ideológico”, a partir do qual refletem formações ideológicas não artísticas.

Ante o exposto, os enunciados possuem, sob condição de existência, o dialogismo. Sendo assim, nenhum enunciado possui neutralidade, pois está sempre abarrotado de índices de valor, vozes sociais e individuais, posturas ideológicas e aspectos espaço-temporais. Mesmo que não tão visíveis, como em forma de um posicionamento claramente enunciado, tais aspectos podem estar nas entrelinhas de um discurso, o qual influenciará sutilmente o posicionamento do seu destinatário, formando uma cadeia de elos de diálogos que os sucederá. Dessa forma, nas próximas seções deste artigo, apresentaremos como tais elementos operam no campo literário, mais especificamente no gênero cordel.

O gênero discursivo cordel

Consoante pontuam Marinho e Pinheiro (2012, p. 17), “No Brasil, cordel é sinônimo de poesia popular em verso. Histórias de batalhas, amores, [...] fatos políticos e sociais do país e do mundo, fazem parte de diversos tipos de texto em verso denominados literatura de cordel”. Em sua maioria, os primeiros escritores dos folhetos de cordel eram originários do campo, de onde migraram para a cidade em busca de melhores condições de vida. Dessa forma, houve o surgimento dos folhetos de cordel nos grandes centros, os quais eram difundidos em feiras.

A poesia popular, antes restrita ao universo familiar e a grupos sociais colocados à margem da sociedade (moradores pobres de vilas e fazendas, escravos, pequenos comerciantes etc.), ultrapassa fronteiras, ocupa espaços outrora reservados aos escritores e homens de letras do país. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 18).

A princípio, no Brasil, o registro do cordel acontecia apenas por meio de jornais. Com o tempo, popularizaram-se os folhetos, que eram vendidos na rua, pelos próprios escritores,

contudo, devido ao aumento da demanda, passaram a ser vendidos por “agentes revendedores”. Vale ressaltar que, segundo o presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Gonçalo Ferreira, a população nessa época valorizava mais as informações veiculadas por meio do cordel do que as via rádio ou jornal, uma vez que uma das características do cordel é narrar acontecimentos recentes; como a morte do presidente Getúlio Vargas, a qual a população só deu os devidos créditos a um cordel que narrou o fato (informação verbal).³

Não há como mencionar literatura de cordel sem falar sobre Leandro Gomes de Barros, um dos percussores e o maior nome dessa arte. Foi ele quem, ao dar início à publicação de seus escritos, por volta de 1893, estabeleceu regras de composição e comercialização, como também a consolidação de um público (MARINHO; PINHEIRO, 2012). O cordel constitui-se tanto na modalidade oral quanto na escrita. Trata-se, então, de enunciados que possuem em sua construção composicional características de entoação – no tocante à fala –, rima e métrica muito bem definidas. Há a estrutura de sextilha, setilha, décima, Martelo Agalopado e Galope à beiramar; as quais se encaixam em cada subgênero que o cordel possui, como Peleja, Folheto de Circunstância, ABC’s e Romances. Tais características, sob a luz da teoria bakhtiniana, compõem aspectos relativos à construção composicional.

O gênero cordel, como tantos outros da literatura, detém marcas estilísticas muito demarcadas, exprime uma realidade coletiva, nesse caso, a vida no campo, sobretudo no Nordeste. Ao que se refere ao conteúdo temático, o cordel, em sua maioria, engloba os mais variados temas, narrando fatos cotidianos etc., os quais sempre estabelecem relações dialógicas com outros enunciados. A esse respeito, conforme pontua Maciel (2015, p. 259), “O conteúdo temático é aquilo que o enunciador pretende dizer. Projeto de dizer que, alicerçado pela forma composicional característica de um gênero discursivo, estabelece vínculos dialógicos com outros textos”. Pontuadas algumas considerações relativas ao gênero cordel, na próxima seção, da análise do enunciado *Alice no País das Maravilhas em Cordel*, do artista popular João Gomes de Sá.

As vozes sociais em Alice no País das Maravilhas em Cordel

³ Fato mencionado pelo presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), Gonçalo Ferreira da Silva, na palestra Literatura de Cordel Tradicional e Contemporâneo, na Universidade Estadual Paulista (UNESP) campus Assis, em abril de 2019.

Ao considerarmos o caráter dialógico e heterogêneo da linguagem, à luz do pressupostos teórico-metodológicos da AAD e dos elementos constituintes dos gêneros do discurso (conteúdo temático, construção composicional, estilo, acrescidos do contexto de produção) pretendemos analisar como a adaptação *Alice no País das Maravilhas em Cordel*, do artista popular alagoano João Gomes de Sá, publicada em 2010, revaloriza-se em relação à obra original do romancista inglês Charles Lutwidge Dodgson – pseudônimo Lewis Carroll –, *Alice no País das Maravilhas*, de 1865, em especial no que tange ao uso das vozes sociais.

Segundo Pereira e Rodrigues (2014), Bakhtin concebe os gêneros literários como modos específicos de pensamento, em outras palavras, como maneiras de pensar o mundo. Sob esse aspecto, considerar o fenômeno do cronotopo em nossa análise nos trará reflexões acerca do funcionamento de uma dada sociedade, assim como às experiências históricas e sociais que instituem os enunciados.

Recorrendo ao conceito de cronotopo, instaurado pelo Círculo de Bakhtin, podemos observar que na obra original de Lewis Carroll, o papel social do autor é de reverendo e professor de matemática; em contrapartida, João Gomes de Sá ocupa uma posição de autoria familiarizada com o gênero cordel, por ser xilógrafo e pertencer ao universo da criação literária, já que, além de escritor, atua como professor de língua portuguesa, exercendo ainda atividades de dramaturgo. A posição de autoria influencia diretamente no funcionamento da obra, uma vez que, ao construirmos enunciados concretos, utilizamos nossos conhecimentos prévios, refletindo, assim, em nossas escolhas lexicais e na composição como um todo do enunciado.

Ainda em relação ao cronotopo, outro fator importante é o momento histórico de produção. Em 1865, na Era Vitoriana, o Reino Unido vivia o auge da consolidação da Revolução Industrial, período de grande desenvolvimento da classe média educada; esta Era também foi marcada por rígidos costumes e moralismos, o que podemos observar na obra de Carroll, na qual a personagem Alice está ao lado de sua irmã que lê um livro que “não tinha figuras nem diálogos” (CARROLL, 2002, p. 15), o que nos sugere o acesso à educação ao qual as personagens tinham.

Além disso, em meio à Revolução Industrial, a concepção de infância se instaurava a passos lentos, ou seja, crianças não tinham acesso a bens de consumo direcionados especificamente à fase pueril, bem como a literatura era centrada em educar e moralizar. Por essa razão, nem sempre era vista como algo prazeroso; soma-se também o fato de o acesso à educação e livros serem restritos aos mais abastados. Diferentemente do contexto de produção da obra de Sá, nos tempos atuais, há uma concepção de infância mais demarcada e a educação

passou de luxo a direito. Dessa forma, há a democratização do acesso à escola e à literatura, como é o caso das obras de João Gomes de Sá – premiadas e indicadas por Projetos do Governo Federal para circularem em escolas públicas.

As obras analisadas são veiculadas em livro impresso e têm como interlocutor provável o público infantil. Enquanto a obra de Carroll, em decorrência do contexto de produção, volta-se para as crianças de classe média a alta, a de Sá se direciona para todas as camadas sociais da população, inclusive às pessoas que não dominam a leitura de um texto verbal, já que os padrões oralizados permitem a compreensão e memorização de textos aproximando pessoas das mais variadas classes sociais de histórias clássicas da literatura, as quais, muitas vezes, são mais complexas devido às suas características sintáticas e lexicais (ABREU, 1999).

Na obra mais antiga, instituída a partir do romance, Carroll possivelmente projeta seu interlocutor como aquele que busca uma interação que transcenda o entretenimento e que lhe permita, por meio da fantasia, refletir a respeito da temática abordada na obra, no caso de Alice, a respeito dos medos vivenciados no mundo real. Já na Alice repaginada pelo gênero cordel, a superação ou enfretamento dos medos é retomado, mantendo-se a essência do enunciado prévio, contudo Sá representa sua cultura por meio de um gênero característico de sua região: o cordel, a partir do qual se elucidam marcas regionais, materializadas nas escolhas sintáticas e lexicais, como o uso de animais da fauna brasileira, ou elementos da região Nordeste, como “cacimba”.

Nos enunciados em tela, observamos o contraste de duas grandes vozes, isto é, a de Carroll e a de Sá. Esta última, por sua vez, transforma a narrativa sumária e escrita em prosa em versos de cordel, revalorando o enunciado de Carroll por meio da linguagem e do estilo singular da cultura nordestina, acompanhados de ilustrações com traços de xilogravura, ecoando as vozes do cronotopo do autor alagoano. Ou seja, ancorado em seus horizontes socioaxiológicos, o autor revaloriza a narrativa, suscitando um encontro sociocultural e desencadeando uma dinâmica entre as vozes presentes, que podem se contrapor, apoiar-se e/ou parodiar-se. Afinal,

[...] “o verdadeiro ambiente de um enunciado” (p. 272) é o plurilinguismo dialogizado (são as fronteiras) em que as vozes sociais se entrecruzam continuamente de maneira multiforme, processo em que se vão também formando novas vozes sociais. (FIORIN, 2009, p. 58, grifos do autor).

Sob o enfoque da dinâmica das vozes, é importante destacar que na narrativa de Sá há uma parodiação, melhor dizendo, uma (re)valorização de elementos apresentados na narrativa original. Como a personagem Alice, que ao invés de cair em um poço, no cordel cai em uma

cacimba; bem como os tacos e as bolas ouriços são representados por animais da fauna nacional como seriemas e tatus-bolas. Além do diálogo com a narrativa de Carroll, encontramos ainda elementos de intertextualidade no enunciado de Sá, que fazem com que dialogue com outros cordéis, como o clássico Viagem ao País de São Saruê, de Manoel Camilo dos Santos, conforme (SÁ, 2010, p. 18);

Por lá viu rios de leite,
Montanhas de goiabada,
Castelos de rapadura,
E arvores de marmelada,
Suspirou muito porque
Somente em São Saruê
Tal riqueza era encontrada.

Acerca do exposto, retomando as ideias do Círculo, Fiorin (2009, p. 58) aponta que há uma espécie de “jogo de forças”, no que tange à dinâmica do universo da criação ideológica, denominada “metáfora do diálogo” pelo Círculo de Bakhtin Para Fiorin, essa metáfora “representa a dinamicidade do universo da cultura”, pois:

[...] o Círculo vê as vozes sociais como estando numa intrincada cadeia de responsividade: os enunciados ao mesmo tempo que respondem ao já dito [...], provocam continuamente as mais diversas respostas (adesões, recusas [...]) dissonâncias, revalorizações etc. (FIORIN, 2009, p. 58-59).

Outrossim, é em decorrência da dinamicidade do universo da cultura e, principalmente, pelo fato de os enunciados se tratarem de unidades reais e concretas de interação, que as vozes sociais se materializam e se (re)significam por meio deles. Por questões de dimensão espacial, exemplificaremos a presença de algumas vozes ao longo da narrativa em cordel. Uma frequente retomada de vozes sociais acontece por meio de expressões populares revitalizadas a cada novo enunciado. No texto de Sá, um já dito é revitalizado, como podemos observar no trecho em destaque (SÁ, 2010, p. 13 - grifo nosso);

Ela ainda ouvia a voz
Do Coelho engravatado
Repetindo sem parar:
- Oh céus! Estou atrasado!
*Quem do relógio depende
Sua liberdade vende,
Pois assim diz o ditado!*

Retomando a ideia de dialogismo e vozes já mencionadas: todo enunciado concreto as reflete e refrata, já que são axiologicamente orientadas, apresentam, pois, uma atitude valorativa dos participantes (MARCUIZZO, 2008). Diante disso, em relação à narrativa de 1865, de Carroll, uma atitude valorativa que se estabelece é em face ao romance. Historicamente, esse gênero tem seu horizonte temático e axiológico orientado para a manifestação da expressão artística e valorativa a respeito dos mais diversificados temas, a partir do qual os participantes da interação assumem e reconhecem esse trabalho criativo, ficcional e sensível do autor. No cordel de Sá, há uma posição de destaque e sentimento de representatividade; ou seja, pelo fato de em seu surgimento o cordel ser considerado um gênero marginal, hoje recebe notoriedade e populariza um clássico do gênero literário nonsense.

Retornando ao já exposto na seção anterior sobre vozes, conforme pontua Bubnova (2011), no que tange à atitude responsiva com outras vozes e com base no contexto de produção da obra que representa uma sociedade de classe alta, educada e moralizada, em nosso entendimento, tal sociedade é materializada nas ações da personagem Alice, retratada na 17ª estrofe da narrativa de Sá. Os bons modos da garota refletem sua educação polida. Em outras palavras, há uma voz superior que não se altera e que impera sobre sua moral, atuando como um filtro de suas ações. Observe (SÁ, 2010, p. 13, grifo nosso);

Alice viu sobre a mesa,
E ficou interessada,
Numa jarrinha de suco
Cheinha de limonada:
- *Será que posso beber*
Ou é melhor esquecer
Minha vontade apressada?

Outras vozes sociais são materializadas em posicionamentos de outros personagens, tais como o Rato e a Centopeia. Alice, após inundar “as terras” do Rato de tanto chorar, tenta convencê-lo a ajudá-la a encontrar o Jardim Encantado. Ao expor seu posicionamento, orientado axiologicamente, o Rato expressa marcas de seus costumes e valores, conforme destacado (SÁ, 2010, p. 15 - grifo nosso);

O Rato disse: - Menina,
Minha posição não muda,
Quem fez essa traquinagem
Não merece minha ajuda!
Vou atravessar o rio
Porque preservo o meu brio,

Revista de Letras Norte@mentos

Para encontrar quem me acuda!

Ainda sob o mesmo enfoque do posicionamento orientado axiologicamente, na página seguinte constata-se a presença de vozes no discurso da Centopeia, quando Alice a procura na esperança de voltar ao tamanho normal e de encontrar o Jardim. Nas seguintes estrofes é possível observar, que, por meio de metáforas, a Centopeia enuncia vozes em uma espécie de um já dito, o qual, por sua vez, está carregado de valores. Veja (SÁ, 2010, p. 17, grifos nossos);

Informou a Centopeia:

- Esse jardim desconheço.

E ser grande ou ser pequeno

Tem seu valor tem seu preço.

Tudo é muito relativo,

Eu mesma bem aqui vivo,

Tenho tudo que mereço.

A grandeza das pessoas

Não está no seu rebanho,

Nem tampouco na aparência,

Na perda ou mesmo no ganho.

Mas reside em cada ação

Que bota no coração

E independe de tamanho.

Além das vozes sociais, percebemos forte influência da interdiscursividade na escrita de João Gomes de Sá. Durante a leitura, elementos da cultura nordestina se fazem presentes do início ao fim do texto, desde as ilustrações com traços de xilogravura a menções na própria obra, como o chapéu do Chapeleiro, comparado com as noites do sertão e com o chapéu de Lampião. O cordelista realizou cuidadosamente a inserção de cada elemento, desde a fauna à flora, por exemplo a cajazeira, fruta típica da região Norte/Nordeste, a qual Alice experimenta para voltar ao tamanho normal; ou ainda a sombra do juazeiro em que Alice repousava. Enfim, são inúmeros elementos e vozes representados e revalorados, fazendo-nos crer que se trata de um material significativo para o trabalho em sala de aula, em especial no que se refere a vozes, valoração, intertextualidade e representatividade regional da cultura, fauna e flora. Sob esse viés, na próxima seção, elaboramos a proposta de leitura e compreensão das vozes.

Proposta de leitura e compreensão das vozes

Sugerimos nesta seção alguns encaminhamentos de leitura e compreensão de vozes sob o viés do dialogismo bakhtiniano. Por questões espaciais e também devido ao fato de o estudo direcionar-se para o sétimo ano do Ensino Fundamental II, abordamos as que julgamos coerentes à essa faixa etária da qual se orienta a presente pesquisa. O quadro a seguir pode servir para reflexões iniciais a respeito tanto da recepção da obra quanto em relação às marcas do gênero cordel, para que, dessa maneira possa ser aprofundado mais adiante.

Quadro 1 — Recepção da obra *Alice no País das Maravilhas em cordel*, de João Gomes de Sá

QUESTÕES	APONTAMENTOS
Já conhecia a obra <i>Alice no País das Maravilhas</i> ?	Por se tratar de alunos do 7º ano, provavelmente, já conhecem a obra com base na versão em cinema ou na adaptação da Disney. Neste momento é interessante informá-los de que o filme é proveniente de um romance muito popular do século XIX, bem como contextualizar a publicação e circulação da obra.
Já ouviu falar em cordel? Já leu algum? Conhece alguém que escreva textos em cordel? O que sabe a respeito?	O cordel é um gênero literário popular rico em elementos culturais, sobretudo da cultura nordestina, atualmente se encontra difundido em todas as regiões do Brasil, o qual expressa em seus versos traços predominantemente regionais da fauna e flora nordestinas e, em especial, traços dialetais e características atreladas a tradição oral. Cabe apontar os atributos peculiares do gênero, tais como o uso da xilogravura, rima, métrica e sonoridade. Inclusive sobre a rima, elemento fundamental da estrutura do gênero, assim como realizar apontamentos do caráter crítico que o cordel é capaz de expressar, o qual pode ser melhor explanado mais adiante.
Muitas obras, especialmente os romances clássicos, são adaptados para outros gêneros. Quais foram as suas impressões ao ler a obra, <i>Alice no País das Maravilhas</i> , de Carroll adaptada a um gênero popular?	Vale refletir junto aos alunos que a obra de Carroll se trata de um clássico da literatura inglesa, e que está reconfigurada em um gênero popular, no caso, o cordel. Por clássico, no sentido histórico, compreendemos como sendo uma obra que traz consigo os traços de culturas das quais atravessou, que por sua vez continua exercendo influência quando relida em outras épocas em outros costumes.
Conhecem o autor João Gomes de Sá?	Nesse momento, cabe ao professor fazer uma breve introdução do autor. João Gomes de Sá é poeta, xilógrafo, professor e dramaturgo alagoano. Possui, além desta adaptação para cordel, outras como o clássico de Victor Hugo, <i>O Corcunda de Notre-Dame</i> ,

QUESTÕES	APONTAMENTOS
	o qual foi indicado ao Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE.
A xilogravura consiste em uma técnica artística de baixo custo, semelhante ao carimbo, que possibilita a impressão de várias cópias de uma mesma gravura, podendo ser entalhada na madeira ou ferro. O que acharam das ilustrações? Percebem traços de xilogravura?	É interessante expor rapidamente sobre essa arte, que se trata de uma técnica de gravura na qual se utiliza madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre o papel. Seria interessante um trabalho conjunto com o professor de artes.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A seguir, dispomos algumas questões relevantes ao cordel para que os alunos reconheçam o lugar e a função deste gênero, visto que veicula temas variados, como fatos políticos e sociais do país e do mundo.

Quadro 2 — Explorando o gênero discursivo cordel

QUESTÕES	APONTAMENTOS
Onde o cordel é veiculado?	O cordel inicialmente era vendido em feiras, hoje podemos encontrá-lo em livrarias e segmentos do ramo. Circula tanto em folhetos quanto em livros impressos.
Qual a finalidade de um cordel?	Comunicar, conforme pontua Matos (2007) por retratarem o real, o cordel é considerado um jornal do povo, assim como tem por finalidade entreter e trazer a representatividade da cultura nordestina, além de que, por meio das rimas, promover a memorização dos versos, permitindo que os cordéis sejam contados até mesmo por pessoas iletradas, assim como o faziam inicialmente.
Qual o papel social do autor desse gênero?	O autor retrata mais que uma notícia ou uma história, mas também um posicionamento crítico, muitas vezes usando da ironia e do humor, promovendo não só reflexões a seus leitores, como o entretenimento.
O gênero cordel possui em geral uma temática que abrange desde histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, a fatos políticos e sociais do país e do mundo, fatos cotidianos e até mesmo ideias fictícias. Qual a temática do cordel Alice no País das Maravilhas?	O cordel de Sá representa uma adaptação de um original que, por sua vez, carrega a temática da fuga da realidade para um lugar de fantasia, no intuito de demonstrar que, com um pouco de fantasia, podemos ter coragem de enfrentar nossos medos reais. O cordel, neste caso, manteve a temática. Podemos afirmar tal temática com base no último trecho do cordel, na página 29, onde Alice desperta de seu sono com alguém a chamando.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Partindo do pressuposto de que todo enunciado é ideológico e que é por meio dos gêneros discursivos que desencadeamos maneiras de refletir sobre o mundo, propomos algumas atividades acerca das vozes sociais que se revelam no enunciado *Alice no País das Maravilhas em Cordel*.

Quadro 3 — Análise das Vozes Sociais do Enunciado *Alice no País das Maravilhas em Cordel*

QUESTÕES	APONTAMENTOS
<p>Leia o trecho a seguir:</p> <p>Ela ainda ouvia a voz Do Coelho engravatado Repetindo sem parar: - Oh céus! Estou atrasado! <i>Quem do relógio depende Sua liberdade vende,</i> Pois assim diz o ditado! (SÁ, 2010, p. 13, grifo nosso);</p> <p>No trecho destacado é possível identificar uma expressão popular, um dito repetido popularmente baseado num senso comum; como por exemplo “A pressa é inimiga da perfeição.” ou “A corda sempre arrebenta do lado mais fraco”.</p> <p>Diante disso, o que a expressão destacada no trecho acima indica? O fato de o autor ter utilizado este ditado popular faz com que o leitor se aproxime do texto?</p> <p>Em que contextos podemos fazer o uso dos ditados populares?</p> <p>Em quais textos um ditado popular pode ser encontrado? Por quê?</p>	<p>Cabe ao professor desenvolver o uso das expressões populares e refletir juntamente com os alunos sobre como seu sentido atua sobre o discurso, tal qual refletir sobre como seu uso aproxima os leitores do enunciado, estabelecendo conexão com o uso real da língua.</p>
<p>Ainda na página 13, na 17ª estrofe temos:</p> <p>Alice viu sobre a mesa, E ficou interessada, Numa jarrinha de suco Cheinha de limonada: - <i>Será que posso beber Ou é melhor esquecer Minha vontade apressada?</i> (SÁ, 2010, p. 13, grifo nosso);</p> <p>Percebemos que Alice conversa consigo mesma, indagando se poderia beber ou não a limonada. Em sua</p>	<p>Neste momento, é necessário refletir com os alunos que, sem percebermos, reproduzimos vozes, valores e princípios em nosso discurso. Como foi o caso da personagem, ao refletir sobre os ensinamentos recebidos, ocasionando seu monólogo. Isto é, há sempre uma voz que impera sobre nosso discurso.</p>

QUESTÕES	APONTAMENTOS
<p>opinião, considerando o contexto do enunciado acima, a que se deve a hesitação de Alice? Com base em que ela simplesmente não bebe o líquido de imediato?</p>	
<p>Observe o fragmento e responda:</p> <p>O Rato disse: - Menina, Minha posição não muda, Quem fez essa traquinagem Não merece minha ajuda! <i>Vou atravessar o rio</i> <i>Porque preservo o meu brio,</i> Para encontrar quem me acuda!</p> <p>(SÁ, 2010, p. 15, grifo nosso)</p> <p>Alice, após inundar “as terras” do Rato de tanto chorar, tenta convencê-lo a ajudá-la a encontrar o Jardim Encantado, quando o Rato expõe seu posicionamento. Atente-se ao trecho destacado no fragmento acima e responda: o que nos leva a preservar nossa honra? Baseado em que fazemos isso?</p>	<p>Primeiramente, informe os alunos sobre o significado da palavra “brio”. Discuta com eles sobre como o fato de preservarmos nossa honra está calcado nos ensinamentos, isto é, nos valores que atribuímos às coisas no mundo, influenciados pelos nossos pais e pelas pessoas mais antigas.</p>
<p>Na página 17, na 41ª e 42ª estrofes, temos a voz da Centopeia expressa após travessão; leia as duas estrofes a seguir. Na sua opinião, qual pode ter sido o propósito da Centopeia ao revelar seus pontos de vista à Alice? Em outras palavras: o que a Centopeia quis ensinar à menina? De que forma tal ensinamento agiria sobre a personagem Alice?</p> <p>Informou a Centopeia: - Esse jardim desconheço. <i>E ser grande ou ser pequeno</i> <i>Tem seu valor tem seu preço.</i> Tudo é muito relativo, Eu mesma bem aqui vivo, Tenho tudo que mereço.</p> <p><i>A grandeza das pessoas</i> <i>Não está no seu rebanho,</i> <i>Nem tampouco na aparência,</i> <i>Na perda ou mesmo no ganho.</i> <i>Mas reside em cada ação</i> <i>Que brota no coração</i> <i>E independe de tamanho.</i> (SÁ, 2010, p. 17, grifos nossos)</p>	<p>É interessante dialogar com os alunos que as vozes sociais podem ser representadas a fatos já ditos por várias pessoas, desde muito tempo. E que estas vozes podem, de forma recorrente, se mostrar por meio de metáforas. Com base nas respostas dos estudantes, dirija uma discussão acerca de como estas vozes, veiculadas por meio de metáforas, influenciam moralmente na educação das pessoas, isto é, estão imbricadas no inconsciente, como em “Quem não arrisca não petisca” ou “Deus ajuda quem cedo madruga”.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Considerações finais

Compreender o valor que cada palavra assume num determinado enunciado permite ao leitor elucidar aspectos ideológicos e axiológicos que muitas vezes passam despercebidos no processo de leitura. Dessa forma, julgamos importante refletir a respeito dos impactos que as vozes sociais promovem nos enunciados em sala de aula.

Diante do exposto, compreendemos a importância de se considerar os gêneros na escola, como também as vozes sociais e seu impacto sobre os discursos dos indivíduos. No presente estudo, observamos que a análise de enunciados concretos é um caminho significativo para promover o pensamento crítico dos estudantes, de modo que reconheçam seu papel na sociedade. Foi crendo na importância do reconhecimento e da compreensão dessas vozes como algo que constitui o próprio sujeito, que alcançamos o nosso objetivo ao propor atividades que auxiliem os professores do Ensino Fundamental II nessa tarefa em sala de aula.

Referências

ABREU, Márcia. Histórias de cordéis e folhetos. São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. O Cronotopo do Gênero Carta de Conselhos: Imagens do Tempo, do Espaço e da Autoria. *Travessias*, Cascavel, v. 7, n. 2, jan. 2014.

ANTUNES, Irandé. Aula de Português: Encontro & Interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: A Teoria do Romance. Tradução Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

BUBNOVA, Tatiana. Voz, Sentido e Diálogo em Bakhtin. *Bakhtiniana*, São Paulo, 6 (1): 268-280, ago./dez. 2011.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1998.

CARROLL, Lewis. Alice no País das Maravilhas. Petrópolis: Arara Azul, 2002.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth. (Org.) Bakhtin e outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. A Prática de Análise Linguística no Ensino Fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. Vitória: PERCursos Linguísticos, 2017.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem e Diálogo: ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

- FIORIN, José Luiz. Introdução ao Pensamento de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- GERALDI, João Wanderlei. O texto na Sala de Aula. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e Campo. In: BRAIT, Beth. (Org.) Bakhtin e outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012.
- MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. Os elementos constitutivos do enunciado em suas relações dialógicas: um exemplo de análise. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 2, p. 249-266, maio/ago. 2015.
- MATOS, Edilene. Literatura de Cordel: a escuta de uma voz poética. Habitus, Goiânia, v. 5, n.1, p. 149-167, jan./jun. 2007
- MARCUZZO, Patrícia. Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin. Cadernos do IL, Porto Alegre, n. 36, p. 1-10, Jun., 2008.
- MARINHO, Ana Cristina. PINHEIRO, Hélder. O cordel no cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2012.
- MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução do russo de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.
- NEVES-SANTOS, Shirlei. Dialogismo e Vozes: refrações em materiais didáticos de língua portuguesa. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 838-851, Mai. /Ago., 2013.
- OLIVEIRA, Maria Eveuma de. FREIRE, Manoel. O Cronotopo Narrativo: Uma Análise do Romance Dôra, Doralina. In. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA. n. 2, 2011, Uberlândia, Anais [...]. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2011. p. 1-15.
- PARANÁ, Secretaria do Estado da Educação do. Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa. Curitiba: SEED, 2008.
- PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES, Rosângela Hammes. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. Linguagem em (Dis)curso, [S.l.], v. 14, n. 1, p. p. 177-194, out. 2014.
- PIRES, V. L.; KNOLL, G. F.; CABRAL, ÉDERSON. Dialogismo e polifonia: dos conceitos à análise de um artigo de opinião. Letras de Hoje, v. 51, n. 1, p. 119-126, mai. 2016.
- RENFREW, Alastair. Dialogismo. In: _____. Mikhail Bakhtin. Tradução de Marcos Marcionilo. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2017.
- SÁ, João Gomes de. Alice no País das Maravilhas em cordel. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- SIPRIANO, Benedita Franca. GONÇALVES, João Batista Costa. O Conceito de Vozes Sociais na Teoria Bakhtiniana. Revista Diálogos: Relendo Bakhtin, v. 5, n. 1, p. 60-80, jul./dez. 2017.

ALICE IN WONDERLAND IN CORDEL: A STUDY OF THE SOCIAL VOICES

ABSTRACT

This work analyzes how the social voices are revalued, chronotopic and linguistically in the work *Alice in Wonderland in Cordel*, by João Gomes de Sá. Under the bias of the diversity of valuation and ideology as constituents of the discourse, the voices are understood in the light of the writings of the Bakhtin Circle and its tails, such as Bubnova (2011), Fiorin (2017) and Grillo (2012). This is a qualitative-interpretative study, anchored in the precepts of the dialogical perspective of the discourse. As a result, we point to a brief study of the Brazilian cordel adaptation and some suggestions of activities to be explored in the classroom.

Keywords: dialogic language, cordel genre, social voices.

Recebido em 28/10/2021.

Aprovado em 21/01/2022.